

Apocalipse, Ezequiel e o Lecionário

David Chilton

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Há pelo menos outro fator que tem influenciado grandemente o esboço de Apocalipse. O livro está construído com aderência rigorosa a um dos mais famosos “Tribunais do Pacto” de todos os tempos: a profecia de Ezequiel. A dependência de Apocalipse da linguagem e imagem de Ezequiel tem sido reconhecida há muito tempo;² um erudito encontrou não menos que 130 referências separadas a Ezequiel.³ Mas S. João vai além de meramente fazer alusões literárias a Ezequiel. Ele o segue, passo a passo – tanto que Philip Carrington pôde dizer, com uma hipérbole suave: “Apocalipse é uma reescrita cristã de Ezequiel. Sua estrutura fundamental é a mesma. Sua interpretação depende de Ezequiel. A primeira metade dos dois livros conduz à destruição da Jerusalém terrena; na segunda metade eles descrevem uma Jerusalém santa e nova. Há somente uma diferença significativa. O lamento de Ezequiel sobre Tiro é transformado num lamento sobre Jerusalém, sendo a razão que S. João deseja transferir para Jerusalém a nota de condenação irrevogável que se encontra no lamento sobre Tiro. Aqui reside a diferença real nas mensagens dos dois livros. Jerusalém, como Tiro, há de desaparecer para sempre”.⁴ Considere os paralelos mais óbvios:⁵

1. A Visão do Trono (Ap 4 / Ez 1)
2. O Livro (Ap 5 / Ez 2 – 3)
3. As Quatro Pragas (Ap 6.1-8 / Ez 5)
4. Os Mortos Debaixo do Altar (Ap 6.9-11 / Ez 6)
5. A Ira de Deus (Ap 6.12-17 / Ez 7)
6. O Selo na Frente dos Santos (Ap 7 / Ez 9)

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em abril/2011.

² Veja, e.g., Ferrell Jenkins, *The Old Testament in the Book of Revelation* (Grand Rapids: Baker Book House, [1972] 1976), pp. 54ff.

³ Albert Vanhoye, “L’utilisation du Livre d’Ezechiel clans l’Apocalypse,” *Biblica* 43 (1962), pp. 436-76 (see esp. pp. 473-76).

⁴ Philip Carrington, *The Meaning of the Revelation* (London: SPCK, 1931), p. 65.

⁵ Essa lista é baseada em Carrington (p. 64) and on M. D. Goulder, “The Apocalypse as an Annual Cycle of Prophecies,” *New Testament Studies* 27, No. 3 (April 1981), pp. 342-67.

7. As Brasas do Altar (Ap 8 / Ez 10)
8. Sem Mais Nenhuma Demora (Ap 10.1-7 / Ez 12)
9. O Livro Sendo Comido (Ap 10.8-11 / Ez 2)
10. A Medição do Templo (Ap 11.1-2 / Ez 40 -43)
11. Jerusalém e Sodoma (Ap 11.8 / Ez 16)
12. O Cálice da Ira (Ap 14 / Ez 23)
13. A Vinha da Terra [Nação] (Ap 14.18-20 / Ez 15)
14. A Grande Prostituta (Ap 17 – 18 / Ez 16, 23)
15. O Lamento sobre a Cidade (Ap 18 / Ez 27)
16. O Banquete das Aves (Ap 19 / Ez 39)
17. A Primeira Ressurreição (Ap 20.4-6 / Ez 37)
18. A Batalha com Gogue e Magogue (Ap 20.7-9 / Ez 38 – 39)
19. A Nova Jerusalém (Ap 21 / Ez 40 – 48)
20. O Rio da Vida (Ap 22 / Ez 47)

Como assinala M. D. Goulder, a proximidade da estrutura dos dois livros – a “identificação” passo-a-passo entre Apocalipse e Ezequiel – implica algo mais que uma mera relação literária. “O nível de identificação geralmente não é uma característica de empréstimo literário: por exemplo, a obra de Crônicas está longe de ter um nível de identificação com Samuel e Reis, com sua enorme expansão do material do Templo, e sua remoção das tradições do norte. Antes, o nível de identificação é uma característica de uso lecionário,⁶ como quando a Igreja estabelece a leitura de Gênesis juntamente com Romanos, ou Deuterônômio ao lado de Atos... Além disso, é claro que João esperava que suas profecias fossem lidas durante o culto, pois disse: ‘Bem-aventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia’ (1.3) – a versão RVS traduz isso corretamente como ‘lê em voz alta’. Na realidade, o próprio fato dele repetidamente chamar o seu livro de ‘a profecia’ o alinha com as profecias do Antigo Testamento, que eram familiares por serem lidas em público durante o culto”.⁷ Em outras palavras, o livro de Apocalipse foi concebido desde o início como uma série de leituras no culto durante o Ano da Igreja, para ser lido em conjunto com a profecia de Ezequiel (bem como outras leituras do Antigo Testamento). Como escreveu Austin Farrer em seu primeiro estudo sobre Apocalipse, João “certamente não pensava que o livro

⁶ **Lecionário** ou **lista de leituras** (da Escritura) é um livro contendo as leituras bíblicas selecionadas para as celebrações do Ano Litúrgico cristão. [N. do T.]

⁷ M. D. Goulder, “The Apocalypse as an Annual Cycle of Prophecies,” p. 350.

seria lido apenas uma vez para as congregações e então usado para embrulhar peixe, como uma carta pastoral”.⁸

A tese de Goulder sobre Apocalipse está apoiada pelas descobertas em sua recente obra sobre os Evangelhos, *The Evangelists' Calendar*, que tem revolucionado os estudos do Novo Testamento ao colocar os Evangelhos em seu contexto litúrgico adequado.⁹ Como Goulder demonstra, os evangelhos foram escritos originalmente, não como “livros”, mas como uma série de leituras durante o culto, para acompanhar as leituras nas sinagogas (as igrejas do Novo Testamento). De fato, argumenta ele, “Lucas desenvolveu seu Evangelho ao pregar à sua congregação, como uma série de cumprimentos do AT; e esse desenvolvimento em séries litúrgicas explica a estrutura do seu Evangelho, que tem sido um enigma por muitos anos”.¹⁰

As estruturas tanto de Ezequiel como de Apocalipse conduz tais livros prontamente ao uso lecionário em série, como observa Goulder: “Na divisão de Apocalipse e de Ezequiel em profecias ou visões, em unidades para os domingos sucessivos, o intérprete dispõe de pouco arbítrio; uma característica feliz, pois estamos buscando linhas divisórias claras e incontroversas. A maioria dos comentários divide o Apocalipse em aproximadamente cinquenta unidades, e eles não divergem muito. Na Bíblia, Ezequiel está dividido em quarenta e oito capítulos, muitos dos quais são evidentemente profecias isoladas que se sustentam por conta própria. Além disso, o comprimento dos capítulos de Ezequiel é o mesmo em termos gerais. O livro cobre pouco mais de 53 páginas de texto na versão RV, e muitos capítulos possuem cerca de duas colunas (uma página) de comprimento. Algumas das divisões são, talvez, questionáveis. Por exemplo, o chamado de Ezequiel se estende além do mui breve capítulo 2 até o final claro em 3.15, e o curto capítulo 9 poderia ser considerado juntamente com o capítulo 8; embora existam alguns capítulos enormes (16, 23 e 40), que possuem mais de quatro colunas de comprimento, e que se subdividem naturalmente. Mas uma característica encorajadora já se tornará óbvia ao leitor: os dois livros se dividem em aproximadamente cinquenta unidades, e o ano judaico (-cristão) consiste de cinquenta ou cinquenta e um *sabbaths*/domingos. Portanto, temos o que parece material para um ciclo anual de Ezequiel inspirando um ciclo anual de visões, que então poderiam ser lidos nas igrejas da Ásia juntamente com Ezequiel, e explicados em sermões à luz deles”.¹¹ Goulder continua e fornece uma longa tabela mostrando leituras consecutivas ao longo de Ezequiel e Apocalipse,

⁸ Austin Farrer, *A Rebirth of Images: The Making of St. John's Apocalypse* (Gloucester, MA: Peter Smith, [1949] 1970), p. 22.

⁹ M. D. Goulder, *The Evangelists' Calendar: A Lectionary Explanation of the Development of Scripture* (London: SPCK, 1978).

¹⁰ *Ibid.*, p. 7. Goulder suggests that the Book of Revelation was written in the same way, as St. John's meditations on the lectionary readings in his church.

¹¹ M. D. Goulder, “The Apocalypse as an Annual Cycle of Prophecies,” pp. 350f.

apresentada juntamente com o ano cristão da Páscoa à Páscoa; as correlações são impressionantes.¹²

A ênfase pascoal do Apocalipse também foi abordada em um estudo realizado por Massey Shepperd, quase vinte anos antes de Goulder escrever.¹³ Shepperd demonstrou outro aspecto notável da arquitetura de Apocalipse, mostrando que a profecia de João está delineada de acordo com a estrutura do culto da igreja primitiva – de fato, que tanto o seu Evangelho como o Apocalipse “dão testemunho desde o ponto de vista da experiência da liturgia pascoal das igrejas da Ásia”.¹⁴

A natureza lecionária de Apocalipse ajuda a explicar a riqueza do material litúrgico na profecia. Sem dúvida, Apocalipse não é um manual sobre como “fazer” um culto de adoração; antes, ele é um culto de adoração, uma liturgia conduzida no céu como um modelo para aqueles que estão na Terra (e, incidentalmente, instruindo-nos que a sala do trono de Deus é o único ponto de vista adequado para contemplar o conflito terreno entre a Semente da Mulher e a semente da Serpente): “Tradicionalmente, e de maneira bastante consciente, o culto da Igreja tem sido modelado segundo as realidades divinas e eternas reveladas em Apocalipse. A oração da Igreja e da sua celebração mística são uma com a oração e a celebração do reino dos céus. Assim, pois, na Igreja, com os anjos e os santos, e através de Cristo o Verbo e o Cordeiro, inspirados pelo Espírito Santo, os crentes fieis da assembleia dos salvos oferecem adoração perpétua a Deus o Pai Todo-Poderoso”.¹⁵

A falha em reconhecer a importância de Apocalipse para a adoração cristã tem empobrecido grandemente muitas igrejas modernas. Para citar apenas um exemplo: Quantos sermões foram pregados sobre Apocalipse 3.20 – “Eis que estou à porta, e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo” – sem reconhecer a mui óbvia referência sacramental? *Sem dúvida* Jesus está falando da Santa Ceia, convidando-nos a ceiar com ele; por que não vimos isso antes? A razão tem muito a ver com uma ideia puritana de culto que procede, não da Bíblia, mas dos filósofos pagãos.

Dom Gregory Dix, em seu volumoso estudo do culto cristão, foi certo: O puritanismo litúrgico *não* é “protestante”; nem sequer é cristão. Em vez disso, é “uma teoria geral sobre o culto, não especificamente

¹² Ibid., pp. 353-54. James B. Jordan escreveu uma série muito útil de estudos sobre “Christianity and the Calendar” [Cristianismo e Calendário], publicado no período de três anos em *The Geneva Papers* (primeiras séries), disponíveis pelo *Geneva Ministries, P. O. Box 131300, Tyler, TX 75713*. Veja em especial o nº 27 (Janeiro de 1984): “Is the Church Year Desirable?” [O Ano da Igreja é Desejável?]

¹³ Massey H. Shepperd Jr., *The Paschal Liturgy and the Apocalypse* (Richmond: John Knox Press, 1960).

¹⁴ Ibid., p. 82.

¹⁵ Thomas Hopko, *The Orthodox Faith*, Vol. 4: The Bible and Church History (Orthodox Church in America, 1973), pp. 64 f.; cited in George Cronk, *The Message of the Bible: An Orthodox Christian Perspective* (Crestwood, NY: St. Vladimir’s Seminary Press, 1982), p. 259.

protestante, nem mesmo limitada a cristãos de alguma classe. É a teoria de trabalho em que se baseia o culto muçulmano. Foi composta pelo poeta romano Pérsio e o filósofo pagão Sêneca no século primeiro, e eles só estavam elaborando uma tese dos autores filosóficos gregos que datam do sétimo século antes de Cristo. Resumidamente, a teoria puritana afirma que o culto é uma atividade puramente *mental*, que deve ser exercido por meio de uma ‘atenção’ estritamente psicológica a uma experiência subjetiva emocional ou espiritual... Contra essa teoria puritana de culto ergue-se outra – o conceito ‘cerimonioso’ de culto, cujo princípio fundamental é que o culto como tal não é um exercício puramente intelectual e afetivo, mas algo no qual o homem inteiro – tanto o corpo como a alma, e seus poderes estéticos e volitivos, assim como intelectuais – devem participar de forma plena. Ele considera o culto como um ‘ato’ tanto como uma ‘experiência’”.¹⁶ É essa visão “cerimoniosa” do culto que é ensinada pela Bíblia, de Gênesis a Apocalipse. Visto que todas as ações de Apocalipse são vistas desde o ponto de vista de um culto de adoração, este comentário assumirá que a estrutura litúrgica é básica para sua interpretação correta.

Fonte: Chilton, David. *The Days of Vengeance: An Exposition of the Book of Revelation* (Horn Lake, MS: Dominion Press, 2006), págs. 20-25.

¹⁶ Dom Gregory Dix, *The Shape of the Liturgy* (New York: The Seabury Press, [1945] 1983), p. 312.